

ÂMBITOS PRIVILEGIADOS DA MISSÃO AD GENTES PARA O LEIGO MISSIONÁRIO

Uma reflexão a partir da América Latina

Estêvão Raschiatti
rasquio@yahoo.com.br

RESUMO: *Esse ensaio foi elaborado por ocasião do Seminário sobre Laitato e Missão, promovido pelo Secretariado Internacional da Pontifícia União Missionária, de 13 a 18 de fevereiro de 2017, em Roma. Há uma necessidade de reconstruir um quadro geral da atuação missionária entre missionariedade fundamental e projetos missionários distintos, à luz da projeção ad gentes, diante das mudanças epocais e a partir da participação de todo Povo de Deus. Desta reconstrução se abre um leque de engajamento que inclui pastorais locais até a participação de leigos e leigas em projetos além-fronteiras. Todo Povo de Deus é chamado a participar da dimensão universal da missão, de diferentes maneiras e diferentes formas, todas elas essenciais, significativas e relevantes para o anúncio do Reino de Deus.*

ABSTRACT: *This essay was prepared for the Seminar on Laity and Mission, promoted by the International Secretariat of the Pontifical Missionary Union from February 13 to 18, 2017 in Rome. There is a need to reconstruct a general frame of the missionary activity between fundamental missionarity and distinct missionary projects, in the light of the projection ad gentes, in the face of epochal changes and the participation of all People of God. From this reconstruction opens a range of engagement that includes local pastoral until the participation of laymen and laywomen in projects across borders. Every People of God is called to participate in the universal dimension of the mission in different ways and in different shapes, all essential, meaningful and relevant to the proclamation of the Kingdom of God.*

Ao debruçarmos sobre o tema da participação das leigas e dos leigos na missão *ad gentes*, optamos não somente por indicar âmbitos de ação, mas por propor uma reflexão sobre os âmbitos

da missão a partir da participação do Povo de Deus. O adjetivo “privilegiado” nos convida a um discernimento sobre o que é missionariamente relevante na ação evangelizadora da Igreja hoje, tendo como eixo norteador a *missio ad gentes* e como referência o sujeito eclesial no contexto latino-americano.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA MISSÃO

Precisamos considerar, como premissa necessária, o *profundo deslocamento* que ocorreu com o conceito de missão e a prática missionária a partir da segunda metade do século XX: um deslocamento de fundamento, de motivação, de horizontes, de tarefas, de estruturação, de perspectivas e, finalmente, de protagonistas. O termo “deslocamento” nos ajuda entender que não houve exatamente uma ruptura radical com o paradigma da missão moderna, menos ainda com mandato apostólico (cf. *RMi 2*). O que houve foi uma releitura da vocação da comunidade cristã, numa decidida, cadenciada e progressiva mudança de foco, de sensibilidade, de interpretação e de significado sobre a tarefa essencial de “fazer discípulas todas as nações” (*Mt 28,19*).

Este deslocamento justifica-se, principalmente, com as mudanças epocais, reconhecidas e assumidas a partir do Vaticano II. Nos últimos cem anos, transformações exponenciais e desenfreadas ocorreram em todos os níveis da realidade humana mundial, graças aos avanços dos mercados e da tecnologia (cf. *GS 4*). Tudo ficou inexoravelmente revirado e acelerado depois de épocas na história em que as coisas demoravam muito para acontecer. De um quadro de estabilidade, ordem, lentidão, previsibilidade, controle, segurança, no qual os indivíduos se submetiam às instituições e tudo seguia seu caminho, se passa para uma conjuntura instável, dinâmica, imprevisível, fora de controle, extremamente complexa, no qual o indivíduo – livre e autônomo – tem a possibilidade de acessar a tudo, a todos e ao tempo todo, mobilizando pessoas, criando relações, produzindo, construindo conhecimentos sem passar pelas instituições.

A sociedade mundial está sofrendo há tempo com uma verdadeira convulsão por causa da profundidade, da rapidez e da liquidez de como essas transformações vem acontecendo: mudanças de hábitos, de hierarquia de valores, de visão do mundo, de percepção da realidade, de sistema de relações, de projetos de vida, de construções identitárias, etc. Tudo muito junto e misturado ao mesmo tempo, numa pluralidade de manifestações atordoante e com expressões cada vez mais volúveis. As discípulas e os discípulos missionários, para os quais “não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1), vivem hoje nesse cenário:

Enquanto, em outros períodos da história, os discípulos missionários precisaram dar as razões de sua esperança como consequência de critérios firmemente aplicados, em nossos dias, são os próprios critérios que vêm experimentando abalo. Para não poucas pessoas a incerteza sobre como julgar a realidade e com ela interagir é muito grande. Por isso, estamos em uma mudança de época, pois ela já não atinge somente este ou aquele aspecto concreto da existência. As mudanças de época atingem os próprios critérios de compreender a vida, tudo o que a ela diz respeito, inclusive a própria maneira de entender Deus.¹

Nesta conjuntura, é obvio que a missão *ad gentes* passa por uma inevitável “desterritorialização” ao assumir outra dimensão muito mais ampla e global, pois a realidade mundial como um todo torna-se de agora em diante uma grande “terra de missão”. Todavia, esse deslocamento não diz respeito somente a uma questão sócio-cultural: pelo contrario, penetra adentro num impasse propriamente teológico. Com efeito, da mesma forma que não haveria mais sentido falar de missão somente como primeiro anúncio aos não-cristãos, haveria, por acaso, sentido continuar proclamando Jesus Cristo como “o mediador e a plenitude de toda revelação” (DV 2), diante da pluralidade das diferentes religiões e do direito à liberdade religiosa? Por que motivo precisa-

¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2011-2015*, DGAE 2011 – 2015, n. 25.

ríamos afirmar a necessidade de pertencer à Igreja Católica (cf. *LG 4*), se as pessoas podem conseguir a salvação do mesmo jeito fora dela, podendo ser “de várias maneiras ordenadas ao povo de Deus” (*LG 16*)? Porque atribuir valor aos sacramentos como meios que “conferem a graça” (*SC 59*), quando esses não se tornam canais exclusivos, visto que elementos de “verdade e graça já estão presentes no meio dos povos, fruto de uma secreta presença divina” (*AG 9*) e que “devemos acreditar que o Espírito Santo oferece a todos, de um modo que só Deus conhece, a possibilidade de serem associados ao mistério pascal” (*GS 22*)?

Até hoje, estas e outras interrogações não estão bem respondidas: pairam no ar como algo que coloca em xeque a consciência eclesial, particularmente, entre cristãos e cristãs que vivem em direto contato com os desafios mais desconcertantes da realidade atual. O próprio “âmbito” e significado da missão parece estar fortemente ameaçado, implícita ou explicitamente, apesar dos persistentes apelos para tornarmos uma Igreja em saída. De que maneira, então, podemos falar de “âmbitos privilegiados” como áreas de atuação de algo que está indefinido e substancialmente questionável? Afinal das contas, a missão *ad gentes* acontece, via de regra, em situações desconfortáveis, árduas e arriscadas: só falta questionar seu sentido para torná-la completamente inviável.

Por outro lado, sabemos que não podemos renunciar à missão além de toda fronteira sem renunciar à própria identidade cristã. Devemos concluir, portanto, que é preciso repensar a missão a partir da globalidade e da complexidade que ela assumiu, da perspectiva conciliar de uma Igreja inserida no mundo contemporâneo e do decidido protagonismo de todo Povo de Deus, sem perder a riqueza da especificidade de cada atuação, de cada dimensão e de cada sujeito, mas necessariamente relacionando cada elemento dentro de um quadro geral. Esse quadro geral precisa ser reconfigurado e resignificado, para podermos detectar onde e como a missionariedade laical pode efetivamente se expressar.

A MISSÃO HOJE

Desde o Vaticano II a missão começou a ser entendida não apenas como atividade exclusiva de evangelização aos não-cristãos, mas como elemento estruturante da identidade da Igreja. Com efeito, a missão vem de Deus porque Deus é amor, um amor que não se contém, que transborda, que se comunica, que sai de si. A missão existe com Deus: a missão é Deus, porque diz respeito *ao seu jeito de ser*. Desta maneira, não é a Igreja que tem uma missão, mas a missão que tem uma Igreja: é a missão que procede do amor fontal do Pai (cf. *AG* 2) que chama a Igreja a participar (cf. *EG* 12). Os horizontes deste movimento de proximidade são sempre geográficos e escatológicos: os confins da terra e o fim do tempo.

A missão, enquanto elemento estruturante da identidade e da atividade da Igreja, se expressa hoje num quadro complexo de situações e de interlocutores que não permitem mais interpretá-la unilateralmente. Antes de tudo, indica uma dinâmica paradigmática que pretende colocar em chave missionária toda a atividade habitual das comunidades eclesiais (cf. *EG* 15).² Consequentemente, se desdobra em projetos e âmbitos que dependem de contextos e circunstâncias específicas: “as diferenças não se originam na natureza íntima da missão, mas nas condições em que essa missão se exerce” (*AG* 6).

Olhando para o mundo de hoje à luz do magistério da Igreja, podemos distinguir três âmbitos essenciais de missão:

- a) *a pastoral*, que tem como interlocutores os cristãos militantes e as comunidades eclesiais constituídas que precisam de conversão³;

² Cf. FRANCISCO. Discurso do Santo Padre aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano por ocasião da Reunião Geral de Coordenação, 28 de julho de 2013.

³ Cf. SÍNODO DOS BISPOS. *Mensagem ao Povo de Deus da XIII Assembleia Geral Ordinária*. Brasília: CNBB, 2013, p. 39-40 [n. 9].

- b) *a nova evangelização*, que tem como interlocutores não somente os cristãos afastados da vida da comunidade, mas também os que não crêem em Cristo (cf. *DAP* 168) no conjunto de uma sociedade secularizada e pluricultural onde cada Igreja local está inserida⁴;
- c) *a missão ad gentes*, que tem como interlocutores àqueles que não conhecem Jesus Cristo no meio de povos e sociedades tradicionalmente não-cristãs, onde a presença da Igreja não está suficientemente estruturada (cf. *RMi* 33; *EG* 14).

Teremos, portanto, uma única e essencial missão que avança em três direções complementares e fundamentais: uma missão em casa (pastoral), uma missão fora de casa (nova evangelização) e uma missão na casa dos outros (*ad gentes*). A *Redemptoris Missio*, porém, alerta que essa última orienta as outras duas no sentido e no modelo referencial: “sem a missão *ad gentes*, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada de seu significado fundamental e de seu exemplo de atuação”, e por isso “é preciso evitar que (...) se torne uma realidade diluída na missão global de todo povo de Deus, ficando, desse modo, descurada ou esquecida” (*RMi* 34).

Todavia, é de suma importância compreender os três âmbitos como intimamente inter-conexos. Sem uma adequada ani-

⁴ O âmbito da “nova evangelização” necessita de um esclarecimento. Esse conceito teve uma evolução e um processo de recepção que passou do simples anseio em arrebanhar os “afastados”, a tudo o que diz respeito ao testemunho, serviço, diálogo e anúncio que uma igreja promove em todos os setores da sociedade onde ela se encontra: “nova evangelização” refere-se, portanto, *ao conjunto da presença e das ações da comunidade cristã em seu contexto sócio-cultural*. Desta maneira, situações que a *Redemptoris Missio* designava como missão *ad gentes* (p. ex. os novos fenômenos sociais, os modernos arcópagos, etc. – cf. *RMi* 37), agora vêm fazer parte da nova evangelização. A XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos em Roma, que teve como tema “A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”, assim como V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Aparecida, que lançou a “Missão Continental” (cf. *DAP* 362; 551), deixaram bastante claro que o “campo” da nova evangelização não são somente “as pessoas batizadas que não vivem as exigências do batismo”, mas também os “que ainda não creem em Cristo no espaço de seu próprio território e responder adequadamente aos grandes problemas da sociedade na qual [a Igreja] está inserida” (*DAP* 168; cf. *Propositio* 9-10).

mação pastoral teremos uma *missão colonizadora*, realizada por uma Igreja convencida de ser suficientemente evangelizada e que, portanto, se sente na incumbência de evangelizar os outros, como dona e mensageira da verdade (cf. *EN* 15). Sem uma nova evangelização significativa, provavelmente teremos uma *missão alienada*, realizada por uma Igreja que sonha evangelizar o mundo, vivendo “num universalismo abstrato e globalizante” (*EG* 234), sem ter os pés no chão numa atuação em seu próprio território. Enfim, sem uma generosa cooperação missionária *ad gentes* teremos, porém, uma *missão auto-referencial*, realizada por uma Igreja que pensa só em si e no seu meio, que não alarga seus horizontes, perdendo assim sua identidade católica e sua referência ao desígnio de Deus (cf. *EN* 62).

TRÊS IMAGENS PARA A MISSÃO HOJE

Para entender melhor esses desdobramentos de âmbitos e suas conexões, podemos recorrer a três imagens evangélicas que parecem feitas sob medida para descrever as três situações de missão.⁵

a) A primeira é a figura do *bom pastor*, que diz respeito à *pastoral* junto às comunidades cristãs formadas e constituídas. É uma missão no espaço restrito do redil, que se baseia numa relação pessoal, íntima, com seus interlocutores. O pastor “chama” as ovelhas as quais “ouvem a sua voz”, ele as conhece pelo nome, as acompanha fora, caminha à frente delas, corre atrás delas quando se perdem, dá a vida por elas e ao mesmo tempo tem uma preocupação com outras ovelhas que “não são deste aprisco” (cf. *Jo* 10,1-18). O pastor é uma figura fundamental para o crescimento da comunidade. A missão aqui é movida pela caridade pastoral e pela proximidade maternal da Igreja às pessoas (cf. *DAp* 199).

b) A segunda figura é a do *semeador*, que diz respeito à *nova evangelização* junto à sociedade secularizada e pluricultural na

⁵ Cf. GIRARD, Marc. *A missão da Igreja na aurora do novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 45-75.

qual a Igreja está inserida. O lugar não é mais o redil do pastor, fechado com suas portas e suas regras de funcionamento. Agora o “campo é o mundo” (*Mt* 13,48), lugar aberto, de risco e de insegurança, onde o semeador sai para semear. Ele lança a semente em todo tipo de terreno, mas não é ele que faz crescer (cf. *Mc* 4,26-29). A ação do semeador é marcada por uma gratuidade radical: ele somente lança a Palavra de Deus, talvez pequena como semente de mostarda (cf. *Mc* 4,30-32) e não se preocupa nem de arrancar o joio (cf. *Mt* 13,29). Mas é animado por uma profunda esperança de que algo possa dar fruto.

c) A terceira figura é a do *pescador*, que diz respeito à missão *ad gentes* junto a outros povos e aos outros contextos totalmente alheios à mensagem do Evangelho. O pescador não exerce sua profissão dentro de um redil, junto a um rebanho com o qual estabelece uma relação de carinho e de intimidade. Ele está navegando em alto mar à mercê das turbulências, num lugar inóspito, totalmente inseguro, incontrolável, hostil. Não tem também a mesma expectativa do agricultor em relação à semente e ao campo, que em algum lugar deverá oferecer seu fruto. A pesca depende do acaso, da sorte, está sujeita a todo tipo de imprevistos, de surpresas e de riscos. É uma missão na qual a Igreja descobre sua verdadeira vocação em deixar-se conduzir somente pela Palavra (cf. *Lc* 5,5). A missão torna-se aqui uma atividade marcada pela pura fé.

As três imagens bíblicas retratam bem as três diversas situações e a dinâmica diferenciada de cada uma delas. A imagem do pastor é ligada ao cuidado maternal de Yhwh que guia e conduz o Povo de Israel (cf. *Gn* 48,15; *Sl* 23; *Is* 40,11; *Jr* 31,10; *Ez* 34,13; *Zc* 11,7). Entretanto, a parábola do semeador é relacionada por Jesus ao anúncio gratuito da Palavra e à sua acolhida na vida das pessoas (cf. *Mt* 13,19; *Mc* 4,14; *Lc* 8,11). Enfim, a metáfora do pescador é associada à missão fora de Israel, ao envio pós-pascal dos discípulos às nações, representado pela travessia turbulenta (cf. *Mt* 8,18ss; *Mc* 4,35ss; *Lc* 8,22ss). Trata-se de uma missão de pescaria, que tem como objetivo a salvação, a redenção e o resgate de vidas (cf. *Lc* 5,1-11; *Jo* 21,1-17; *Mt* 10,8; *Ex* 3,7-10; 15,16).

O PRIMADO REFERENCIAL DA MISSÃO AD GENTES

Hoje todo sujeito eclesial, ministro ordenado ou leigo, é convidado a participar da missão de Deus segundo estas três modalidades, ora privilegiando uma, ora privilegiando outra, mas frequentemente articulando as três em seus diferentes aspectos, dimensões e processos. Não há, a meu modo de ver, uma preclusão a um âmbito específico para o laicato, como também não é suficiente formar os presbíteros somente para ser bons pastores. Há uma urgência gritante em redescobrir a figura fundamental do *apóstolo* no ministério ordenado.⁶ O nosso mundo pluricultural exige bons pastores que sejam também bons semeadores e bons pescadores. No que diz respeito ao leigo, poderíamos afirmar que a nova evangelização é o campo privilegiado da ação missionária dele. No entanto, todo discípulo missionário é chamado também a ser pastor, assumindo amavelmente e responsabilmente o cuidado de pessoas, e a ser pescador, sentindo forte o impulso em se lançar sempre mais além.

A essência missionária da vocação cristã não é constituída de compartimentos estanques: ela é integral e integrada, pois “a ação missionária *ad intra* é sinal de autenticidade e de estímulo para realizar a outra *ad extra*, e vice-versa” (*RMi* 34). Contudo, a missão se projeta naturalmente além-fronteiras, com generosidade, com abertura a novos horizontes e desafios: jamais se fecha. A Igreja “nasceu em saída”⁷ (cf. *EG* 17a; 20; 24; 46) e se reencontra todas as vezes que sai de si e se abre: a comunidade cristã deve a própria origem ao anúncio do evangelho, e a própria vitalidade à contínua e corajosa transmissão deste anúncio pelo mundo afora. Por isso, o

⁶ Este testemunho do então cardeal de Milão, Carlo Maria Martini (1927 – 2012), nos ajuda a entender essa tensão entre a figura do apóstolo e a do pastor: “Muitos mal-entendidos nas ações ou nos gestos do bispo acontecem porque é considerado pastor e não apóstolo. Toda aproximação do bispo a outros ambientes e vice-versa, é entendida como uma instrumentalização, com medo, quase representasse um perigo. Isso por-que o pastor cuida do rebanho, e qualquer olhar fora do rebanho é visto com receio, porque assim perde de vista as próprias ovelhas. Esta é a maneira de ver a figura do bispo restringindo-a ao âmbito rigidamente pastoral”. Cf. MARTINI, Carlo Maria. *Quale prete per la Chiesa di oggi*. Milano: InDialogo, 2015, p. 27.

⁷ FRANCISCO. Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2014.

norte de toda missão é inevitavelmente *ad gentes*: isso expressa não somente um programa de ação, e sim uma tensão fundamental.

É neste sentido que o *Documento de Aparecida* (DAp) convida as comunidades eclesiais da América Latina e do Caribe a se lançar para uma pastoral decididamente missionária (cf. DAp 370), evocando o ícone da navegação e da pesca: “Nós somos agora, seus discípulos e discípulas, chamados a navegar mar adentro para uma pesca abundante. Trata-se de sair de nossa consciência isolada e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (parrésia), à missão de toda a Igreja” (DAp 363). Da mesma forma, João Paulo II no encerramento do Grande Jubileu do ano 2000, fez ressoar para toda a Igreja as palavras do Senhor: “Duc in altum!”, avancem para águas mais profundas (Lc 5,4).

Por sua vez, Francisco nos lembra que não podemos perder de vista o recolhimento do redil, porque “a pastoral é o exercício da maternidade da Igreja”. “Simão, você me ama?”, pergunta o Senhor ao pescador: “então cuide das minhas ovelhas” (Jo 21,17). Depois de ter pescado, Pedro terá que cuidar da vida de quem resgatou. Eis, portanto, que a tríade pastor-semeador-pescador se repropõe como um *cuidado-anúncio-salvação* numa única missão de Deus, na qual a Igreja é chamada a participar. O primado referencial da navegação e da pesca deve ser buscado no anseio *para onde* esta missão se dirige: não é apenas o redil de Israel e nem o campo do mundo no qual se vive, mas o mar desconhecido e impervio das nações, dos povos e das culturas até os confins da terra, porque “Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4).

Nesta perspectiva, podemos delinear o âmbito específico *ad gentes* em torno de três elementos complementares:

- a) o primeiro anúncio aos não-cristãos⁸ no contexto socio-cultural deles;

⁸ Essa expressão é triste: definir os outros a partir de uma negação. Todavia, por enquanto, não temos outra: é sempre melhor do que os termos “gentes”, “pagãos” ou “infieis”. A dificuldade em definir os interlocutores da ação evangelizadora da Igreja é um dos principais impasses para a teologia da missão.

- b) a saída transcultural dos enviados e das enviadas pela Igreja;
- c) a opção preferencial pelos pobres que anelam concretamente por salvação.

A princípio, os programas missionários que não apresentam esse conjunto de elementos, não se encaixariam propriamente neste âmbito. Com efeito, não é suficiente afirmar que a missão *ad gentes* se dirige aos não-cristãos, porque esses interlocutores estão presentes também no âmbito pastoral e na nova evangelização. Igualmente, podemos dizer para os pobres. No entanto, um aspecto característico poderia ser representado pela saída transcultural: mas se essa não for relacionada a um primeiro anúncio e a uma promoção da vida humana, perderia de relevância. Por sua vez, a promoção humana por si só, corre o risco de se tornar apenas filantropia. E o primeiro anúncio, sem o testemunho concreto e o serviço da caridade, tornar-se-ia propaganda proselitista.

Contudo, na medida em que a evangelização e a promoção humana estiverem presentes de maneira significativa na vida de uma comunidade cristã, podemos reconhecer uma íntima analogia com a missão *ad gentes*, mesmo não configurando um quadro pontual e específico. Iniciativas ousadas, criativas, generosas e corajosas de testemunho, serviço, diálogo e anúncio do Evangelho, representam sem dúvida uma resposta profética aos desafios do nosso tempo. Tendo em vista a participação dos leigos e das leigas na missão de Deus, podemos, portanto, distinguir três situações:

- 1) engajamento numa ação pastoral relacionada a conjunturas e a dinâmicas de missão *ad gentes*;
- 2) atuação numa ação evangelizadora nas periferias existenciais do próprio contexto sócio-cultural;
- 3) compromisso concreto com a cooperação missionária além-fronteiras.

ENGAJAMENTO NA AÇÃO PASTORAL

A *Apostolicam Actuositatem* já afirmava que “tanto os Bispos como os párocos e demais sacerdotes de ambos os cleros, devem ter presente que o direito e dever de exercer o apostolado são comuns a todos os fiéis, clérigos e leigos, e que também estes últimos têm um papel a desempenhar na edificação da Igreja” (AA 25). Ao enfatizar a índole secular da vocação laical (cf. EN 70), não podemos esquecer de que “os leigos também são chamados a participar na ação pastoral da Igreja” (DAP 211):

A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicato, dotado de um arreigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé (EG 102).

Isso não quer dizer que a ação dos leigos e das leigas na Igreja se limite à suplência em situação de emergência e de necessidade crônica da missão, menos ainda à execução de ordens por parte do clero. Na comunidade cristã há uma igualdade fundamental no que diz respeito à dignidade e à atuação comum de todos os fiéis (cf. LG 32), porque cada discípulo missionário, investido da graça batismal, participa do sacerdócio comum enraizado no único sacerdócio de Cristo. Neste sentido, os leigos “devem ser considerados não como ‘colaboradores’ do clero, mas como pessoas realmente ‘corresponsáveis’ do ser e do agir da Igreja”.⁹

Apesar do forte avanço de certo clericalismo, as igrejas latino-americanas ainda conseguem abrir espaços significativos para a participação laical na missão evangelizadora. De fato, o documento *Ecclesia in America* assevera: “A renovação da Igreja na América Latina não será possível sem a presença dos leigos; por isso, lhes compete, em grande parte, a responsabilidade do futuro

⁹BENTO XVI. *Mensagem à VI Assembleia Ordinária do Foro Internacional da Ação Católica*. Iasi, Romênia, 10 de agosto de 2012.

da Igreja” (EAm 44). E isso é particularmente verdade naquelas áreas e naquelas situações nas quais os leigos e as leigas são os únicos a poder chegar, pelo fato de ser encarnados nestas realidades e por ser portadores de carismas especiais (cf. ChL 24) que assumem a forma de ministérios e serviços qualificados.

Estes devem ser reconhecidos e valorizados, não somente nas equipes de liturgia e de catequese, mas também no ministério teológico, nas coordenações, assembleias de planejamento, conselhos pastorais e econômicos e em outras instâncias de decisão, tendo em vista a missão comum em favor do Reino de Deus.¹⁰

Historicamente, muitíssimas comunidades cristãs na América Latina sempre foram le-vada adiante por leigos e leigas, particularmente, em regiões longínquas, periféricas e marginalizadas. Atualmente, nestes contextos, persistem três situações básicas de urgência missionária que convocam os discípulos e as discípulas missionários a exercer o múnus profético, sacerdotal, real de Cristo (cf. ChL 14):

- a) situações em que há necessidade de um primeiro anúncio do Evangelho;
- b) situações em que há necessidade de constituir comunidades cristãs onde não existem;
- c) situações em que há necessidade de encarnar os valores do Reino na vida concreta das pessoas.

a) Na primeira situação, podemos destacar como âmbito privilegiado a Pastoral de Visitação das casas, das escolas, dos hospitais, dos presídios, dos locais de trabalho, etc., concretíssima expressão de saída missionária. Não se trata de um programa proselitista, e sim de uma pastoral solidariedade e proximidade com as pessoas, procurando criar vínculos de relacionamento e ocasiões de primeiro anúncio. Marcado pela itinerância, o testemunho do Reino de Deus se torna concreto pela simples saudação (cf. Lc 1,41), pelo pretexto de um convite, pela entrega de um folder ou

¹⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na Sociedade*. Documento da CNBB 105 (2016), n. 111.

pela oferta de um serviço. O encontro com os pobres é dimensão constitutiva da nossa fé (cf. *DAp* 257), porque tocamos a carne sofredora de Cristo no povo (cf. *EG* 24), realizando a real e pessoal experiência do encontro com Ele. É sempre bom lembrar que o caráter do encontro pessoal é o canal preferencial do anúncio que-rigmático do Evangelho, porque fala de coração a coração.¹¹

b) Na segunda situação, um âmbito privilegiado de atuação missionária dos leigos e das leigas é, sem dúvida, a formação de novas comunidades cristãs, particularmente, comunidades eclesiais de base (CEBs). Este fenômeno, profundamente laical, acontece no meio popular das metrópoles ou em áreas rurais afastadas dos grandes centros. Imbuídas de piedade popular, as CEBs são presença da Igreja junto às pessoas mais simples, comprometendo-se com elas em buscar uma sociedade mais justa e solidária. Junto com a paróquia, constituem uma rede de comunidades (*DAp* 172), onde os leigos exercem seu ministério de liderança, coordenação, celebração, catequese, participação em conselhos pastorais, missionários e de assuntos econômicos. A celebração da Eucaristia permanece um problema: 80% dessas comunidades não tem missa dominical. Várias delas vê o padre uma ou duas vezes ao ano. Essa necessidade impele colocar urgentemente em pauta a ordenação dos *virii probati*.

c) Para a terceira situação, um âmbito prioritário, propriamente de caráter pastoral, mas que aponta para a missão *ad gentes*, é constituído pelo testemunho de todas aquelas iniciativas, formais

¹¹ Aqui vale a pena lembrar a significativa ponderação que Paulo VI fez por ocasião da Audiência Geral em 6 de agosto de 1969, regressando de sua viagem a Uganda. Ao refletir sobre a necessidade missionária no mundo, o Papa se pergunta por que o Evangelho não se espalha por si só, como as descobertas científicas, a curiosidade popular, as idéias de moda que fazem o seu caminho no meio da humanidade através dos meios de comunicação com uma rapidez surpreendente? Porque a fé em Cristo não tem essa virtude da difusão espontânea? “A realidade é esta – responde o Papa –: a fé deve ser levada, deve ser anunciada pela viva voz, de pessoa a pessoa. A rede de comunicação da fé deve ser humana. É necessária a pessoa do missionário para que a mensagem chegue à destinação” (PAULO VI. *Udienza Generale* – Mercoledì, 6 agosto 1969. disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1969/documents/hf_p-vi_aud_19690806.html. Acesso: 16/01/2017).

e informais, que trabalham em prol da reconciliação, do perdão e da paz. Vivemos em sociedades muito conflitivas e violentas, com profundas desigualdades e injustiças, agudos rancores e divisões. É urgente e preciso “cicatrizas feridas, evitar maniqueísmos, perigosas exasperações e polarizações” (DAp 534). Necessita de “homens novos e mulheres novas que mobilizem e façam convergir nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas” (DAp 538), que “promovam uma cultura do compartilhar em todos os níveis” (DAp 540), que eduquem para uma cultura de paz que seja fruto de um desenvolvimento sustentável, equitativo e respeitoso da criação (cf. DAp 542). Neste sentido, o Povo de Deus na Igreja da América Latina é convocado hoje a buscar, com muita intensidade e entrega, a *koinonia* na Igreja como *diaconia* ao mundo. Com efeito, é a partir da comunidade cristã que deveria se expressar o engajamento fundamental contra toda forma de domínio sobre o outro, e a prática assídua da fraternidade, como manifestação de uma nova lógica de convivência universal.

ATUAÇÃO NA AÇÃO EVANGELIZADORA NA SOCIEDADE

A tendência em valorizar, exclusivamente ou quase, o serviço no interior da Igreja, pre-judica, porém, a tomada de consciência da importância dos cristãos leigos e leigas nas realidades do mundo (cf. CNBB 105, n. 40), pois “a secularidade é a nota característica do leigo e de sua espiritualidade” (EAm 44).

O desafio é viver e aprender do mundo sem ser do mundo (cf. Jo 17,15-16). A realidade temporal tem sempre algo de novo, muito importante a nos dizer: nela se manifestam os *signais dos tempos* que nos convidam à escuta sobre o que “o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,29). Esses sinais, porém, são ambíguos: são portadores de esperanças e aspirações para a humanidade (cf. GS 4), mas são marcados por “aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem” (GS 10), que se manifesta no egoísmo e no orgulho e que perverte também o ambiente social (cf. GS 25).

Por isso, a missão pressupõe sempre, e em qualquer circunstância, uma atitude permanente de discernimento, conversão e renovação, não apenas em nível pessoal, mas também em nível comunitário e institucional (cf. *DAp* 365). Somos chamados a distinguir “o que é bom e agradável a Deus” (*Rm* 12,2), sabendo diferenciar a pluralidade do relativismo, a secularidade do secularismo, a autonomia do individualismo, a organização do funcionalismo, a identidade do fundamentalismo, o uso dos bens da idolatria dos bens.

Por outro lado, precisamos também entender que o anúncio da Boa Nova *não é de mão única*¹²: temos muito a oferecer assim como temos muito a receber dos outros. É necessário, portanto, ficar vigiando diante das tentações de homologação com as realidades temporais, assim como das tentações de fechar-nos em nós mesmos, sem deixarmos questionar pelas provocações do mundo de hoje. Por essa razão “impõe-se uma conversão radical da mentalidade para nos tornarmos missionários” (*RMi* 49).

No que diz respeito aos âmbitos de atuação e compromisso missionário *ad gentes* na sociedade contemporânea, podemos identificar, em parte de acordo com *RMi* 37, três grandes frentes:

- a) a frente religiosa, com o primeiro anúncio inculturado do Evangelho, o diálogo ecumênico e inter-religioso, sendo que “povos inteiros e áreas culturais de grande importância, em muitas nações, ainda não foram alcançados pelo anúncio evangélico nem pela presença da Igreja local” (*RMi* 37a)
- b) a frente sócio-ambiental, com o engajamento em causas de transformação da sociedade na promoção da dignidade humana, da justiça, da paz e do cuidado com a criação, diante de conjunturas e fenômenos sociais novos

¹² É neste sentido que devemos entender a perspectiva da *missio inter gentes*, não como substitutiva do *ad gentes* mas como complementar: o “ad” significa a tomada de iniciativa por parte da missão cristã (cf. EG 24); o “inter” significa “saber dar” e também “saber receber” no encontro com o outro.

como a urbanização, a juventude, as migrações, as situações de marginalidade e pobreza.

- c) a frente cultural, no diálogo com os areópagos das comunicações, das ciências, da política, da economia, das relações internacionais, que constituem “novos ambientes onde o Evangelho deve ser proclamado” (*RMi 37c*).

a) No primeiro campo de ação, entre os vários âmbitos, podemos lembrar o que Puebla chama de situações permanentes de missão na América Latina e Caribe (cf. *Puebla 365*): os indígenas e os afro-americanos. Há ainda um profundo resgate de identidades, autoestima e projetos de vida destes povos a ser realizado. Ainda hoje indígenas e afro-americanos são objetos de violências, espoliações e humilhações por parte da sociedade envolvente e do capitalismo depredatório. Diante de uma situação de extrema fragilidade desses povos a missão da Igreja é chamada a ser gratuita e decididamente em defesa da vida (cf. *DAp 530*), evitando qualquer ação proselitista praticada por um anúncio explícito apressado e oportunista: “o discernimento sobre a hora certa desse anúncio não depende propriamente da programação dos missionários e das missionárias, porque o anúncio não é um evento, mas se insere em um processo complexo de relação e partilha com os povos indígenas”.¹³ Quanto aos afro-americanos, também a ação evangelizadora merece um olhar cuidadoso com os interlocutores, uma metodologia sintonizada com suas culturas e uma atitude de profundo diálogo frente a formas de vida tão diferenciadas.¹⁴

b) A segunda frente missionária “sócio-ambiental” conta hoje com a atuação de inúmeras iniciativas que, no Brasil, chamamos de Pastorais Sociais. Todas essas articulações, prevalentemente laicais, são expressão da solicitude da Igreja missionária com as situações reais de marginalização, exclusão e injustiça,

¹³ CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). *Plano Pastoral*. Brasília, 2009, n. 109-110.

¹⁴ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*. Estudos da CNBB 105 (2013), n. 183.

numa perspectiva profético-transformadora. Contudo, o *Documento de Aparecida* aponta para uma direção que interessa de perto a missão *ad gentes*: “os rostos sofredores que doem em nós”. No começo do século XXI, o processo de darwinização social se tornou extremamente cruel: o pobre, que era considerado “oprimido” (anos ’70) e, em seguida, “excluído” (anos ’90), agora se torna “custo” para a sociedade. Todo custo há de ser minimizado, e possivelmente, eliminado: não mais lugar para o pobre. Quem são esses pobres estão sendo eliminados? O povo de rua, os refugiados, os enfermos crônicos ou terminais, os dependentes químicos e os presos (cf. *DAp* 407 – 430): todas as categorias de pessoas que a sociedade não quer mais pagar para manter vivas. A opção mais missionária pelos pobres e pela vida que a Igreja hoje pode testemunhar é um engajamento profético em defesa destas situações concretas, não apenas em respostas a urgências imediatas, mas particularmente na promoção de políticas públicas e de uma cultura da fraternidade e da solidariedade.

c) Enfim, os areópagos, que nós chamamos de “frente cultural”. Diante dos apelos da Encíclica *Laudato Si’* e das *Reflexões Conclusivas da última Assembleia Plenária da CAL*, poderíamos dizer que os areópagos contemporâneos referem-se a todos os âmbitos da vida pública a começar pela família, “areópago primordial” (cf. *CNBB* 105, n. 255), passando pela política, a economia, o trabalho, a cultura, a educação, a academia, o esporte, o entretenimento, a arte, a pesquisa, o cuidado da casa comum. Desde a *Redemptoris Missio*, um grande destaque é dado ao mundo das comunicações que tem uma relevância fundamental para a evangelização. Se a frente sócio-ambiental está mais para a pescaria (resgate de vidas), os areópagos, e em particular as mídias digitais, estão mais para a semeadura. Afinal, sobre um programa de rádio ou um vídeo postado no youtube, não tenho nenhum controle aonde essas minhas “sementes” vão cair: “o semeador dorme e acorda, noite e dia, e a semente vai brotando e crescendo, mas ele não sabe como isso acontece” (*Mc* 4,26).

Com efeito, o grande areópago de hoje é a sociedade em rede em nível planetário, sustentada pelas novas tecnologias de

comunicação, produção e transportes que lhe fornecem a infraestrutura. A internet e a articulação das redes sociais passam a ser parte integrante da vida cotidiana, dando origem a uma nova gramática da comunicação, com implicações antropológicas, que estão gerando novos mapas, novas dinâmicas pessoais e sociais, novas estruturas linguísticas, bem como culturais, políticas e econômicas. Isso é de grande importância para a missão *ad gentes*. Tornar-se presente no *ambiente* digital é fazer do próprio tecido da sociedade um âmbito privilegiado de atuação: aqui os cristãos são chamados a exercer uma “diaconia da cultura”¹⁵, buscando também novas modalidades de participação política.¹⁶

COMPROMISSO COM A COOPERAÇÃO MISSIONÁRIA ALÉM-FRONTEIRAS

Há um crescente apelo e desejo dos leigos e das leigas na América Latina de participar ativamente da missão *ad gentes* propriamente dita, que envolve também o envio eclesial além-fronteiras. Podemos dizer que, sem sombra de dúvida, tem muito mais disposição por parte do mundo laical que do mundo clerical para esse tipo de cooperação com a missão de Deus. Todavia, na maioria das vezes, dificuldades logísticas e de organização não conseguem viabilizar projetos e programas nesta direção. Não falta quem se oferece para ser enviado: falta os “enviantes”, igrejas que escolhem, investem, preparam, enviam e acompanham leigos e leigas para a missão *ad gentes*.

Em se tratar de leigos e leigas, a missão além-fronteiras se configura também como experiência *ad tempus*, enquanto uma *missio ad vitam* exige, via de regra, um tipo de consagração. O fato de uma experiência missionária além-fronteiras ser circunscrita a um tempo determinado, e ser vinculada a contratos, circunstâncias familiares, exigências assistenciais e trabalhistas, não

¹⁵ BENTO XVI. *Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2010.

¹⁶ Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA. *O indispensável compromisso dos leigos na vida pública dos países latino-americanos*. Brasília: Edições CNBB, 2016, p. 38.

significa que não tenha uma relevância marcante para os missionários como também para seus interlocutores.

Resta o limite para os leigos e as leigas da possibilidade de uma profunda imersão na cultura que os hospeda. Isso restringe as possibilidades de atuação, mesmo dentro de projetos de desenvolvimento. A missão transcultural é uma intensa experiência exodal, uma viagem ao exterior e ao interior, uma travessia que-notica que necessita de duração, disposição, paciência consigo mesmo, disciplina, acompanhamento, para se tornar uma profunda experiência transformadora. Em poucos anos não há como realizar essa “páscoa” que redefine a identidade da pessoa.¹⁷

Seja como for – encontramos enormes limites também entre os consagrados – não somos nós os primeiros protagonistas da missão, e sim o Espírito Santo: nós todos, na nossa pequenez, somos apenas *cooperadores* de Deus (cf. *AG* 15; *1Cor* 3,9). Por outro lado, olhando para o comprometimento bem mais radical de missionárias e missionários evangélicos, particularmente pentecostais, podemos ter certeza que é possível trilhar caminhos mais ousados. Também a organização missionária da Igreja, moldada em torno das figuras dos consagrados e das consagradas *ad vitam*, deverá ser profundamente repensada se quiser responder aos desafios de hoje aproveitando do potencial do laicato.

O princípio mais importante em se tratar de buscar âmbitos privilegiados da missão *ad gentes* para o laicato missionário, é ter a convicção que a dimensão universal da missão é elemento constitutivo da identidade cristã, e que portanto deve ser assumida concretamente por todo Povo de Deus, não deixada somente à iniciativa de agentes qualificados (cf. *EG* 120). Desta maneira, a partir desse sujeito eclesial “Povo de Deus”, não é mais possível pensar na missão somente como atuação direta na frente missionária, e sim como resposta generosa ao mandato do Senhor de diferentes maneiras. O leque destas modalidades vai de Santa

¹⁷ Cf. HENDRICKS, Bárbara. O impacto da transição. A experiência da transição para o missionário: uma viagem interior/exterior. In: *Convergência* – Setembro 2002, n. 355.

Terezinha a São Francisco Xavier: da intensa comunhão espiritual ao envio além-fronteiras. Neste sentido, a distinção entre cooperação e ação missionária deveria quase desaparecer em sua relevância essencial.

A missão é por sua natureza participativa. A missão *ad gentes* é um mutirão onde todos são convidados a compartilhar, um verdadeiro exercício de comunhão intereclesial. A cooperação do Povo de Deus se realiza essencialmente em três âmbitos: pela comunhão espiritual, pela comunhão dos bens materiais e pela comunhão da vida. Se a missão *ad gentes* perder esse lance da participação e da cooperação mais alargada, perde algo da sua mais íntima essência, além de se tornar uma empreitada insustentável.

Essa cooperação só será possível se tiver um assíduo trabalho de animação e de motivação missionária que desperte para o compromisso *ad gentes*. A comunicação missionária é a alma da animação missionária, tão importante quanto a própria ação evangelizadora direta: não pode ser entregue a uma iniciativa amadora. Esse representa sem dúvida um âmbito privilegiado de engajamento laical porque urgente e profissional. Histórias de missionários e missionárias que dão a vida em situações limites de pobreza, de perseguição, de dedicação, de diálogo e de encontro com os outros, é um patrimônio que tem que ser divulgado, conhecido, admirado, e que gera atração, inspiração, vontade de entrega. Não se ama o que não se conhece, e o que não se conhece não desperta nenhum estímulo para uma conversão pessoal.

Por sua vez, essa atividade de comunicação e informação deve ser sempre acompanhada por um exercício crítico diante da tentação permanente de fazer do missionário um mito e do destinatário um miserável. A *reflexão missiológica* é outro âmbito necessário de comprometimento laical, em quanto deve ter como objetivo aprofundar, delinear, clarear os eixos fundamentais para a ação missionária da Igreja, assim como propor pistas e critérios de avaliação da própria evangelização *ad gentes*.

Da mesma forma, a perspectiva *ad gentes* impulsiona decididamente um engajamento no *âmbito educativo* através de progra-

mas que trabalham, por exemplo, a questão da interculturalidade nas escolas, nas comunidades e em outros ambientes formativos. Aqui vale lembrar o precioso contributo da infância, adolescência e juventude missionária, onde são os próprios jovens que se tornam protagonistas dessa ação educativo-evangelizadora. A educação intercultural, em suas várias dimensões, promete ser a resposta mais avançada a respeito das mudanças sociais contemporâneas e à conseqüente demanda por uma convivência baseada na cooperação, no intercâmbio, na aceitação da diversidade como valor e oportunidade para o crescimento democrático. Este âmbito representa um excelente espaço de atuação para profissionais da educação que, como discípulos missionários, querem participar ativamente da missão *ad gentes*.

Quanto à atuação direta das leigas e dos leigos missionários no campo da missão *ad gentes* propriamente dita, há de ser muito incentivada, apoiada e já está acontecendo, às vezes de maneira bem sucedida, em programas promovidos por institutos missionários e igrejas locais. É necessário que haja projetos bem definidos para que a qualificação de cada agente possa encontrar seu espaço específico de expressão, mesmo se tiver de estar aberto a qualquer adaptação. Normalmente, muitos missionários e missionárias acabam por atuar em âmbitos que nem imaginavam para responder a desafios que nem imaginavam, mas que são parte das urgências cotidianas, assim como da cosmovisão de seus interlocutores.

A ação missionária dos leigos e das leigas deve conjugar sempre a promoção humana com a evangelização, sendo que não pode haver uma sem a outra (cf. *DAp* 399), como também não podemos pensar “em verdadeira e plena promoção do ser humano sem abri-lo a Deus e anunciar-lhe Jesus Cristo” (*DAp* 333). Trata-se do mesmo processo, pois o Senhor nos enviou a “fazer discípulos” e não a fazer obras. Isso deve ficar muito claro, porque nos compromete com uma ação transformadora que se foca na participação e no envolvimento dos interlocutores – “fazer discípulos” – e não na ação filantrópica – “fazer obras”. Nos programas de desenvolvimento há sempre uma ambivalência entre boas intenções, pretensões de eficiência e vícios de uma mentalidade colonial dissimula-

da, que atropela os projetos de vida dos povos. A dinâmica de uma evangelização inculturada convida à escuta, à paciência histórica, à desaceleração dos ritmos empresariais, até porque a Igreja não é uma ONG que busca um resultado palpável.¹⁸

Com efeito, ao participar diretamente de algum projeto missionário *ad gentes*, os leigos missionários se deparam com a precariedade das infra-estruturas de um lado e com a cultura dos povos do outro. São médicos, mas falta qualquer recurso para exercer a profissão e também as pessoas preferem ainda o curandeiro. São educadores, mas não há material didático e também tem que lidar com outras *forma mentis*, outra visão de mundo e outras hierarquias de valores. São agrônomos, mas não há maquinários e também as relações “terra-trabalho” e “produção-mercado” assumem outro significado. Poderíamos indicar ainda outros âmbitos privilegiados da missão *ad gentes* para o leigo missionário: percebemos, porém, que tudo é mediado pela conjuntura sócio-cultural local, junto à qual há sim um intercâmbio, mas afinal é o interlocutor que assimila e processa encontros, conhecimentos, habilidades para construir sua própria história. O aporte dos missionários é sempre um serviço gratuito que jamais devem substituir o protagonismo do autóctone como sujeito histórico.

Diante destes desafios, necessita, portanto, que a leiga e o leigo missionário passe por um processo de formação cadenciado e integral, tanto profissional como espiritual, eclesial e missiológico. Hoje, os institutos missionários insistem para que seus membros tenham uma adequada e específica formação em três etapas: (1) uma formação humana, intelectual, espiritual e prática no próprio país de origem; (2) uma formação de inserção e de iniciação à missão no país de destinação; (3) um estágio missionário, com acompanhamento, no campo final de missão. Não se deve ter pressa neste caminho: precisará, sobretudo, insistir

¹⁸ Cf. FRANCISCO. *Discurso do Santo Padre aos Bispos responsáveis do CELAM*. Rio de Janeiro, 28 de julho de 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html>. Acesso: 13/01/2017.

bastante na questão humana-relacional. Como exercício básico, além de se aprimorar em alguma profissão que possa se reverter em serviço aos pobres, inclusive pastoral, é imprescindível que o missionário mergulhe na aprendizagem de idiomas. Trata-se de uma verdadeira e profunda iniciação no mundo do outro que necessita de humildade, entrega, paixão, abertura e interesse.

CONCLUSÃO

A sistematização dos âmbitos da missão que sugerimos e as perspectivas de engajamento laical que apontamos são, seguramente, relativas, provisórias e contextuais. Contudo, é necessário tentar redesenhar um quadro ou um mapa que oriente nossos caminhos no emaranhado da complexidade de hoje. O risco é dúplice: por um lado, podemos entender que uma determinada ação missionária é mais autêntica do que outra; por outro lado, a representação que produzimos pode resultar, afinal, mais articulada do que a própria realidade. No entanto, o que quisemos dizer com esse ensaio, é que há muitas maneiras de viver a radicalidade do envio entre missionariedade fundamental e projetos missionários distintos, à luz da projeção *ad gentes*. Todo Povo de Deus é chamado a essa abertura e a participar dessa vocação, mesmo de diferentes maneiras e diferentes formas, todas elas essenciais, significativas e relevantes para o anúncio do Reino de Deus. É improrrogável uma convocação decidida de todos os batizados a assumir a missão segundo os diversos carismas.

Particularmente, no que diz respeito à participação dos leigos e das leigas à missão *ad gentes*, é preciso ter em conta essas modalidades e essa pluralidade de âmbitos, assim como repensar eventuais projetos de cooperação intereclesial. Mas o que me parece mais importante é o modelo de igreja que está à base de nossos empreendimentos: afinal, uma ação missionária laical só é verdadeiramente possível entre contextos eclesiais participativos e sinodais que desarticulam estruturas de poder, tanto por parte de uma igreja que envia como também de uma igreja que acolhe. Pois, uma igreja excessivamente hierarquizada e clericalizada es-

taria realmente interessada no protagonismo laical em seus projetos missionários? Isso diz respeito também a toda organização missionária muito centrada a formar e fornecer quase exclusivamente ministérios ordenados para as diversas igrejas locais. Necessita ainda uma reforma de fundo que promova uma arrojada atuação de todos discípulos e discípulas missionários, junto à promoção de uma igreja comunhão mais circular e inclusiva.

Todavia, algo se move: a missão de Deus abre caminhos entre as brechas. Iniciativas anônimas, movimentos populares, caminhos alternativos e articulados se multiplicam a partir do engajamento dos leigos nos organismos missionários e em outras instancias eclesiais, ecumênicas ou civis, com ou sem a participação ou a anuência da hierarquia eclesiástica. A possibilidade de associação garante ao laicato de expressar sua fé de maneira madura e autônoma sem a tutela vigilante do ministro ordenado. Sem embargo, esse ministério é chamado a estar a serviço da ousadia profética que nasce do impulso missionário laical, até porque o próprio leigo procura no consagrado um apoio, um acompanhamento, um estímulo, um necessário encorajamento. Para isso é preciso estar atentos a não sufocar a voz do Espírito, a não alimentar estruturas caducas (cf. *DAp* 365) e deixar que a criatividade da própria missão *ad gentes* trilhe novas veredas.